Revista Militar, II Século, ano 23, nº 6, junho/1971, pp. 369-382

RECONQUISTA CRISTÃ DA PENÍNSULA IBÉRICA

7 — O Mistério de Ourique

(25-7-1139)

Brigadeiro

J. A. DO AMARAL ESTEVES PEREIRA

Muito se tem escrito e dito acerca da tão decantada Batalha de OURIQUE, em que o nosso D. Afonso Henriques, com uma pequena hoste de cavaleiros, conseguiu estrondosa vitória contra um grande exército mouro, do comando de Cinco Reis mouros, derrotando-os e pondo-os em fuga! E isso, ainda por cima, lá para os lados de OURIQUE, a uns 54 km, ainda a S. W. de BEJA!

A história de PORTUGAL, tão cheia, como poucas, de páginas brilhantíssimas, de actos heróicos, de proesas quase incríveis, não precisa de fantasias, nem gestos inventados para se elevar; basta bem cingirmo-nos à verdade dos factos e pondo em relevo alguns, que, pela sua natureza, sejam bem salientes. De resto, quem quer fazer história é necessário meter-se bem dentro do âmbito da época, estudar bem a psicologia dos intervenientes e não entrar em fantasias.

Um dos mais probos historiadores de PORTUGAL e que, infelizmente, não passou, a bem dizer, dos primórdios — Alexandre Herculano — também enveredou, em certos erros, e neste de OURIQUE, também enfileira na tese da «soi disant» «batalha» se ter ferido lá para os plainos alentejanos ...

Ora nós que, desde sempre, não acreditámos nesta, nem noutras versões, vamos tentar, neste nosso modestíssimo estudo, provar que nem houve, a bem dizer, batalha alguma, mas simples «fossado» e bem modesto, e sobretudo que era quase impossível e inconcebível que se tivesse dado lá para os lados de OURIQUE, em plena planura alentejana ...

*

Vejamos os factos conforme colectânea dos historiadores. Voltemos a 1139 e vejamos como eles se passaram:

Animados pelas vitórias alcançadas pelos Almóadas, no Norte de ÁFRICA, os do ANDALUZ também se converteram à mesma seita e, então, entrou a alastrar a revolta em toda a região pelo choque das duas seitas — *Almoadas* e *Almosavides*.

Logo que este facto se deu, Alfonso VII de LEÃO e CASTELA, que, por essa altura, já ajustara pazes com o primo, D. Afonso Henriques, em VAL-DE-VEZ, aproveitou o ensejo para fazer uma avançada para o Sul até ao GUADALQUIVIR e efectuar «fossados» nas regiões de JAEN, OBEDA e terras próximas, durante os anos de 1138 e 1139, em que foi cercar OREJA, na mesma província de JAEN, uma das mais fortes praças e, como hoje diríamos, mais fortes *centros de resistência* mussulmana.

Parece, contudo, que, para atrair Alfonso VII em defesa da sua capital (naquela altura TOLEDO) e para o obrigar a levantar o cerco de AURÉLIA (OREJA), os «Kadis» de SEVILLA, CORDOBA, GRANADA e VALENCIA decidiram atacar TOLEDO, mas, nessa altura, apareceu-lhes no alto das muralhas da praça a Imperatriz D. Berengária, mulher de Alfonso VII, dizendo-lhes que seu marido os esperava em OREJA e então eles retiraram-se num gesto cavalheiresco! Ainda eram assim nesses tempos, os Maometanos!...

O Imperador, Alfonso VII — como a ele próprio se designava — continuou o cerco e os sitiados, exaustos, pediram armistício, para mandarem pedir reforços ao Norte de ÁFRICA. Contudo estes não chegaram a vir e a guarnição de AURELIA teve de se render.

Entretanto e provàvelmente aproveitando este estado de fraqueza das hostes Maometanas, por esta ocasião (1139), D. Afonso I de PORTUGAL realizou uma larga correria em territórios dos Mouros e obteve uma vitória estrondosa em campo aberto num sítio, que, segundo as crónicas, era chamado OURIQUE (*AULIC*, segundo a «Crónica dos Godos», *ORIC*, no «Cronicão Lamecence» e *OURIC* no «Cronicon Conimbricence»).

As Crónicas mais antigas e mais próximas, portanto, do acontecimento (atribuídas todas ao Séc. XIII, limitam-se a uma notícia breve e seca do facto: «*que no dia 25 de Julho de 1139, num lugal chamado OURIQUE, se feriu um grande combate entre os Cristãos de D. Afonso Henriques e os Mouros do Rei Ismar* (Esmar, ou Examare), *que depois se pôs em fuga*».

A «Vida de S. Teotónio», que parece remontar ao Séc. XII, diz «que no dia 25 de Julho (dia de S. Tiago), sem precisar, contudo o ano, o Rei (D. Afonso I) *venceu cinco reis pagãos*, com grande multidão de gente de aquém e além-mar. O exemplar menos extenso segundo Damião Peres) da mesma «Crónica dos Godos», conhecido por «Lívro de Noa» de Santa Cruz de COIMBRA, que Herculano, de acordo com Brandão, considerava como coevo do acontecimento e que hoje se considera cópia, simplesmente abreviada, do exemplar primitivo, dá, também, a indicação sucinta da batalha e da vitória sobre Esmar e o seu numeroso, mais, *inumerável* exército, no lugar chamado OURIQUE (AULIC) então *coração* da terra Sarracena.

O exemplar mais completo da «Crónica dos Godos», aquele que, segundo a lenda teria pertencido a André de Resende não merecia grande confiança a Herculano, por ter passagens muito prolixas e pomposas. Apesar disso, é

justamente nesse exemplar mais extenso da «Crónica Gothorum», que mais pormenorizadamente vem descrita a «batalha»:

Diz-se ali que: *«naquele dia 25 de Julho de 1139 e num sítio que se chama OURIQUE (AULIC), o Rei, (D. Afonso I), travou um grande combate com o rei Mouro, de nome Esmar; que este, pretendendo vingar as frequentes correrias e depredações do Rei Cristão, em território Mussulmano, esperou pacientemente que ele, incauto, ali voltasse e se internasse até ao coração da terra dos Sarracenos (cor terræ sarracenorum), para o atacar com uma infinita multidão de Mouros que trouxera consigo, de ESPANHA, dos termos de SEVILLA, BADAJOZ, ELVAS, EVORA e BEJA* (os 5 reis mouros da «Vida de S. Teotónio» e das «Crónicas tardias») *e de todos os castelos até SANTAREM (XANTARIN), vindo com eles também as mulheres, que combatiam à maneira de «amazonas»; que o número de portugueses era incomparàvelmente menor, pelo que foram cercados, na colina, onde tinham acampado; que os infiéis mandaram contra eles um certo número de cavaleiros escolhidos, que o Rei D. Afonso e os seus, logo passaram à espada; que o Rei Esmar, vendo neles tanta bravura e julgando-os dispostos mais a vencer e morrer, do que a fugir, tomara, ele próprio a fuga e com ele a multidão dos infiéis.»* —

Imagine-se o que há, em isto tudo, de inverosimilhança!...

Quando se lêem estas Crónicas destes tempos — sobretudo de lutas entre Cristãos e Infiéis (como então e mesmo muito depois se chamavam!) — é preciso estar prevenido contra os exageros, contra a desmedida desproporção entre os efectivos dos dois partidos e que era habitual. Haja em vista o que, durante tanto tempo, se imaginou de desproporção exagerada dos efectivos em ALJUBARROTA [1].

---

[1] Sobre esta batalha ver o artigo do A., publicado na «Revista de Artilharia» de Outubro de 1956.

Normalmente, os Mouros aparecem sempre em grande multidão e, por outro lado, o Rei Cristão tem sempre pequenos efectivos, é claro, para fazer realçar o valor, a coragem, o brilho das acções Cristãs!

Aquela «Crónica dos Godos», que estavamos seguindo, diz que o 1.º ataque de Afonso Henriques a ALCÁCER do SAL foi executado por 60 cavaleiros, que pelejaram, com vantagem contra 500 cavaleiros e 40 000 peões Sarracenos (como se isso pudesse ser possível!...).

No exemplar abreviado da «Crónica» (tido como mais fiel e de dar crédito ...) o número 40 000 aparece reduzido a 10 000 apenas!...

Há ainda a notar que Ismar e outros Chefes Mouros não eram «Reis», na verdadeira acepção da palavra, mas «emires», ou «alvalis», ou governadores de províncias e que assumiam o comando de tropas nestas lutas, concerteza, parcelares e não generalizadas entre os dois partidos, como, de resto, foram sempre as lutas desde o começo da Reconquista Cristã da PENÍNSULA IBÉRICA, em que, às vezes, até chefes Cristãos se aliaram com alguns «Walis» Mouros para combater outros da mesma raça!

Na historigrafia Moura (e não árabe como alguns historiadores erradamente designam) desse tempo, riquíssima, como se sabe, não aparece — caso curioso e para meditar ... — referência alguma a uma importante batalha ferida entre Cristãos e Mouros por essa época e nesse sítio ainda menos! O mesmo sucede na historigrafia Leonesa e Castelhana. Por isso, temos a persuasão de que houve, realmente, um combate, mas de pouca importância, como tantos, que se feriam todos os dias, naquela tumultuosa época, em que os guerreiros e, até os vilões, andavam sempre armados e prontos para a luta.

Deve haver grande exagero não só nos efectivos, como no número dos tais «reis» mouros, ou Chefes, segundo lá de que categoria seriam e, também, não é crivel que tivessem vindo, de ÁFRICA, contingentes de guerreiros de reforço às tropas Sarracenas quando havia nessa altura lutas das

gentes de SEVILLA com Alfonso VII e outros chefes, o que diminuiria substancialmente os efectivos.

*

* *

Estes os conhecimentos das Crónicas. E bem sucintos e bem pouco explícitos, aliás!...

Portanto, estamos da opinião de Herculano, que atribue o nome de «*fossado*» a esta acção de OURIQUE, o que era vulgar, que não eram mais do que «*entradas*», com efectivos maiores, ou menores, mas sempre não excedendo poucas centenas de cavaleiros e que, todos os anos, na melhor época, executavam, mais ou menos, profundamente para o Sul, correrias e devastações em território Mouro, para lhes reduzir os meios de subsistência, para lhes causar um contínuo desassocego e fazê-los ir retirando para o Sul, o que realmente aconteceu.

Quanto à amplitude deste fossado, o que nos pode ajudar, em parte, cremos nós, a localizar o sítio, tão discutido deste combate, segundo Herculano e, sobretudo, segundo David Lopes, (que bem poude, pelos seus profundos conhecimentos do árabe, e pelo seu feitio e modo de trabalhar, cauteloso e de uma probidade a toda a prova) ele não foi muito profundo e, portanto, muito longe das fronteiras dos seus domínios cristãos, que, nesse altura, se supunham um pouco abaixo da linha LEIRIA-SERTÃ, muito antes da futura linha-fronteira do TEJO, quando se deu a tomada de SANTARÉM.

Mas há mais: Diz David Lopes que, em Julho desse ano de 1139, suponhamos a meio do mês, D. Afonso Henriques, estando em SATAM, fez uma doação de um «casal», nessa região, a uma pessoa que indica. Ora a doação é quase na data do combate e, diz David Lopes, que SATAM deve indicar, mais ou menos, um sítio da fronteira cristã do Sul, nessa época, conjuntamente com a foz do R. ZEZERE, com o que não concordamos em absoluto, no respei-

tante a SATAM, pois, de há bastante tempo, COIMBRA era a côrte do nosso primeiro Rei.

Agora, a hipótese de Herculano de OURIQUE, do fossado, ou combate, ou lá o que quiserem, ser no BAIXO-ALENTEJO, é com o que não concordamos e achamos de pôr de parte, e, de resto, David Lopes, sempre cuidadoso, revendo a historiografia respeitante ao combate, tanto do lado Sarraceno, como do Castelhano, viu claramente que a hipótese de Herculano «*era pura e simplesmente de pôr de parte*». Diz ele:

«*— A hipótese ALENTEJO é inaceitável. Não se compreende, na verdade, a expedição de D. Afonso Henriques tão longe do seu País, e quando a linha do TEJO, com LISBOA e SANTARÉM, ainda estando sòlidamente nas mãos dos Mouros. Estávamos em 1139; a Capital do Condado Portucalense era COIMBRA; LEIRIA, OUREM e TOMAR eram atalaias da fronteira Sul.*

Não era natural, nem lógico, que D. Afonso Henriques, que era muito prudente de sua natureza e que se dirigia sempre fito ao seu objectivo, fosse penetrar profundamente em território inimigo, sem tomar conta da sua própria segurança, em risco de ser cortado, ou torneado irremediàvelmente. Ainda se OURIQUE fosse um objectivo muito importante, que necessitasse o sacrifício e o risco da operação, ainda se compreendia o gesto de certo ponto imprudente; mas as crónicas são todas unânimas em afirmarem que a batalha se deu em lugar ermo ...

E mesmo que fosse no ALENTEJO, encontraria apenas gentes de SILVES, ou de MERTOLA, e, nessa hipótese era pouco plausível que o seu total fosse suficiente para apresentar batalha a um príncipe de PORTUGAL. De ESPANHA não podiam vir reforços mouros, pois se despovoara a parte Sul para ajudar a combaterem, na luta feroz, que se travava, em AFRICA, contra a seita Almoada nascente.»

E David Lopes conclui «*que numa incursão rápida de D. Afonso Henriques para Sul, os Mussulmanos da Penín-*

sula não se poderiam juntar aos de MARROCOS para coadjuvarem no embargo do passo aos Cristãos».

David Lopes explica ainda que o topónimo OURIQUE é uma *forma arabisada* do nome germânico AURICUS e que a área da substituição do sufixo «*icus*» por «*ique*» atinge a região de SANTARÉM. E, então, menciona várias localidades, cujo nome é OURIQUE, algumas no BAIXO ALENTEJO, como a VILA e CAMPO de OURIQUE, outros perto de ALMODOVAR, um CAMPO DE OURIQUE, em LISBOA, outro CAMPO DE OURIQUE perto de MONTEMOR-O-VELHO, nas margens do MONDEGO, um CHÃO de OURIQUE perto de PENELA (a uns 24 kms, a S. de COIMBRA), CHÃO DE OURIQUE, ao pé do CARTAXO.

Postos de lado — continua a racciocinar David Lopes — os «OURIQUES» a Norte da linha geral LEIRIA-OUREM-TOMAR, excluindo o de LISBOA, que ainda estava por conquistar e cuja designação é relativamente recente, (antes era o sítio englobado no topónimo de CAMPOLIDE), excluídos os do Sul do ALENTEJO, por impossibilidade de serem considerados, resta apenas o CHÃO DE OURIQUE perto do CARTAXO, em última análise.

Estes os factos, os relatos das crónicas e as deduções de alguns escritores, entre os quais avulta, pelo seu valor, David Lopes pela facilidade de conhecer e interpretar o texto dos cronistas Maometanos.

Agora chega a altura de fazermos os nossos comentários:

Existe, estudando o terreno, realmente um extenso campo com o nome de CHÃO DE OURIQUE, no Concelho do CARTAXO, limite da freguesia do mesmo nome. Não fica realmente dentro da área, entre a linha LEIRIA-TOMAR-SANTARÉM, mas fica a uns 15 km de SANTARÉM o que não invalida a hipótese de David Lopes, que é realmente a nossa, por ser a mais plausível. Mesmo estes «fossados» tinham, principalmente, por fim destruir as colheitas e, em geral, todos os recursos de vida do inimigo e o natural é que D. Afonso Henriques se tivesse dirigido para

os férteis campos do RIBATEJO dentro da região de SANTARÉM. Era, como se pode fàcilmente ver, atacar o adversário indefeso. Esmar, que seria o governador desta região, teria saído para o rechaçar e ter-se-iam batido nos arredores de CHÃO DE OURIQUE, talvez mesmo em campo-aberto e daí a lenda de «grande batalha», com *«cinco reis mouros»*, etc, etc. ...

Demais este OURIQUE, como se vê pela sua situação relativa, estava bem no *coração da terra dos Mouros*, como refere a «Chrónica Gothorum» e formou-se, então, a tradição oral, já que a batalha, ou antes *combate*, como realmente se lhe deve chamar, por não ter tido nada de decisivo, foi de diminuta importância.

Além disso, há outra circunstância e bem importante: O combate deu-se a 25 de Julho de 1139 e o Rei encontrava-se, poucos dias antes, talvez a 20, segundo relatos da época, em SATÃO (BEIRA ALTA) onde fez uma doação de uma propriedade a um fidalgo seu colaborador e era *materialmente impossível vir*, com um troco de, digamos, 100 a 150 cavaleiros, a marchas forçadas, em 5 dias lá da BEIRA ALTA (a NW de VISEU) até OURIQUE do BAIXO-ALENTEJO, a uma distância que, em linha recta, não são menos de 348 kms.! Isto sem forragear sem descansar, sem comer?! É absolutamente impraticável, nesse tempo, como hoje! E há mais: a verdadeira fronteira dos dois mundos, sarraceno e cristão, era o TEJO, mais parcela a Norte, mais a Sul. Então o nosso primeiro Rei, que era astuto e prudente ao máximo, ia atravessar essa fronteira e internar-se a uma distância, que, dos váos de BELVER, não seria menos de uns 204 kms. em linha recta (sabe Deus as curvas dos caminhos de então), sem que tivesse, nessa região, um objectivo que se dissesse decisivo e que justificasse um risco dessa importância?!...

Modernamente, Mario Domingues, escritor probo e de deduções seguras, faz um curioso retrato de Afonso I: «Em Afonso Henriques havia alguma coisa de *caçador furtivo*. Esperas, armadilhas emboscadas, assaltos imprevistos (re-

feria-se aqui à tomada de SANTARÉM), manobras enganadoras, eram as suas características, a sua maneira de ser e de lutar. *Mais guerrilheiro do que guerreiro,* à moda medieval, encantava-o a ideia de colher o Inimigo de surpreza». —

Era então este homem que se ia arriscar a internar-se até aos confins do ALENTEJO?!...

O Dr. José Saraiva aponta ainda a hipótese, que também é plausível, de um Campo de OURIQUE, a uns 7,5 kms. do Castelo de LEIRIA, em que se tivesse ferido o combate.

Há também outras hipóteses, mais ou menos bem arquitetadas, mas o pior é que lhes falta qualquer documentação.

E quanto aos 5 reis mouros, mesmo os mais acérrimos defensores da solução — ALENTEJO — acreditam em que apenas fossem 5 chefes, «Walis», capitães de troços de tropas, mas não testas coroadas. E onde havia nessa época 5 Reis mouros na PENÍNSULA?!...

*
* *

Temos de chegar a uma conclusão definitiva: *Não é possível chegar-se a uma localização verdadeira sem sombra qualquer de dúvida.* Isto para haver verdadeira honestidade num trabalho desta natureza. O que parece é que o feito se deu, mas não com a importância tão grande como se julgou. O próprio Herculano foi desta opinião e classificou-o como um «fossado», um «raid», como hoje díriamos, executado, assim, ao modo dos célebres raids de Mitschenko, na Guerra Russo-Japoneza». E também se não deve denominar *batalha,* mas sim um *combate de encontro,* entre o troço de tropas do fossado e os troços defensivos móveis da região em poder dos Maometanos — o pão-nosso-de cada dia, daqueles

tempos. Os «reis» já vimos que não poderiam ser mais que «Walis», ou capitães, visto que as crónicas sarracenas da época, e imediatamente seguintes, nada dizem com esse nome nem a esse propósito.

Ismar, ou Esmar, não era, concerteza, nenhum chefe importante marroquino, mas é aceitável, segundo David Lopes, a sua identificação como Abu Zacarias (Abzecri), que era o governador de SANTARÉM. E compreende-se que fosse ele que saísse da praça a rechaçar D. Afonso Henriques dos arredores, para aliviar a cidade do perigo de investimento e de tomada, o que se veio a dar depois de luta, que se pode concretizar entre os polos LEIRIA e TOMAR (linha do NABÃO) e SANTARÉM e castelos mais próximos.

Pensar numa grande penetração até ao BAIXO ALENTEJO, deixando à retaguarda praças e linhas de defesa desguarnecidas, seria loucura e imprudência incapaz de se julgar saída da mentalidade segura e firme do nosso primeiro rei, sempre cauteloso e que nos é retratado como uma «rapoza velha e sabida» e como, de resto, o prova em toda a sua longa campanha de conquistas.

E a prova de que o combate em questão e a campanha a ele inerente não teve a importância que se julgava durante tanto tempo, é que logo no ano seguinte, 1140, Esmar volta a tentar conquistar terreno perdido, aos Portugueses.

O que parece ter visos de verdade, segundo as «Crónicas tardias» é que os barões e homens de armas, findo o combate, fosse ele lá o que fosse, no entusiasmo da vitória, aclamariam Rei a D. Afonso I, que oficialmente era só Príncipe e dessa época, ele ter começado a usar esse nome, só depois de OURIQUE. Mas, modernamente, o Prof. Moreia encontrou um documento, datado de Março de 1139 (numa doação régia) e, portanto, cerca de 4 meses antes de OURIQUE e em que D. Afonso I, por duas vezes se intitula: «Portugalensium Rex».

E, também, ainda não decorrera um ano, depois de OURIQUE, e já o Mouro Ismar com gente de SANTARÉM,

ÉVORA e BADAJOZ, vem atacar o Castelo de Leiria, destruindo e matando parte da guarnição. Nessa altura andava D Afonso Henriques lá pelo Norte, ajustando com o primo, as pazes de VAL-DE-VEZ. Foi o pouco feliz resultado dessa campanha da GALIZA, que encorajou o Mouro a atacar LEIRIA. Outras tropas Mussulmanas precipitaram-se sobre TRANCOSO, assolaram a praça e mataram bastantes defensores. Então o nosso Rei, definitivamente reconciliado com o primo, Imperador de CASTELA e LEÃO (como se intitulava, Alfonso VII), correu com todas as suas hostes, passou o DOURO, por alturas da REGUA e desbaratou completamente o adversário em dois combates de encontro sucessivos.

O Castelo de LEIRIA seria novamente reedificado e guarnecido em 1144 e LISBOA seria só conquistada em 1147 e com farto auxílio dos Cruzados estrangeiros e de gente do Norte do Condado, mas isso sai do nosso estudo.

*
* *

Para finalisarmos este modesto trabalho, resta referir-mo-nos à lenda do aparecimento da Imagem de Jesus Cristo, a encorajar Afonso Henriques durante o combate.

Esta lenda foi propalada no tempo da dominação filipina para levantar o moral das populações.

«*Com idênticas intenções patrióticas* — *diz Mario Domingues* — «*se exagerou a importância da batalha e o número dos inimigos, para valorizar a vitória luzíada*». Teria nesse dia derrotado *os cinco reis mouros*, que acabaram por fugir em pânico, com os seus exércitos destroçados ...

Portanto: simples lenda e nem o valor tem de ser coeva, mas muito posterior.

Como final, citaremos que o próprio Herculano, que, de resto, acreditava na versão «ALENTEJO», diz na sua

«História de Portugal»: «Em nenhum cronista, quer árabe (deveria dizer surraceno) quer cristão, se acha mencionada a «batalha de OURIQUE», com essa designação. Isto tira-lhe toda a importância que, posteriormente, se lhe atribuiu. Procurem-se nas histórias dos Árabes, os nomes dos tais cinco reis, que tomaram parte na batalha e não se encontram. Portanto, faltando as fontes naturais da história, que firmeza, que crédito podemos dar a uma narração, mais lenda, que outra coisa, que nos conta sucessos humanamente impossíveis e que nela faz figurar indivíduos, cuja resistência é desconhecida dos escritores coevos, que tinham obrigação de conservar memórias deles se tivessem realmente existido?...

Por isso não nos arrependemos de ter dado o título, que demos, de «MISTÉRIO» a este nosso modesto trabalho; certos estamos que não será fácil chegar-se a uma conclusão certa e definitiva, quanto à sua localização.

Mas não importa: combate de encontro, simples luta de «fossado», ela teve, pelo menos o mérito de dar tempo a Afonso Henriques para poder ajustar as pazes definitivas com o primo Alfonso VII de LEÃO e CASTELA e libertar-se, definitivamente, da tutela, devida ao Imperador, pelo Chefe do Condado Portucalense, herdado de seu Pai. E esse pode-se considerar um verdadeiro objectivo estratégico de geopolítica e então e, só nesse aspecto, se pode designar verdadeiramente por «batalha de OURIQUE»!...

Dezembro de 1969 — Maio de 1970.

E. P.

NOTAS: 1.ª — No Diário Popular de 20-8-1970 vem um artigo intitulado «A Propósito da Batalha de Ourique», e em que, a propósito de uma carta do Sr. António Vitorino de Matos e de uma entrevista concedida pelo jornal ao escritor e historiador, sr. Mário Domingues, vem a opinião de Alexandre Herculano já por

nós citada e em que se diz textualmente: «*Em nenhum cronista quer árabe, quer cristão, se acha mencionada a batalha de OURIQUE*» etc. ... Isto, apesar de A. Herculano não saber «árabe» (melhor se diria «sarraceno», que não é o mesmo ...) e esse (David Lopes) provou, à saciedade que o adversário, em OURIQUE, do nosso 1.º Rei foi indiscutìvelmente o «Wali» de SANTARÉM e que este era o objectivo estratégico do «fossado» que deu lugar ao combate e não batalha ...

2.ª — É muito interessante, a este respeito, ler o artigo sobre a inauguração do monumento em VILA CHÃ de OURIQUE, em Diário de Notícias de 31-3-1932, do General Victoriano José César, que analiza o problema com toda a sua competência.